

Materialidades que educam: um diálogo decolonial no kit educativo africano e afro-brasileiro

Leandro Freitas Oliveira¹

Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Chapecó/SC – Brasil

Miriam Aparecida Moreira²

Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Cidade/SP — Brasil

Resenha do livro: SILVA, Maurício André da (Org.). *Kit educativo africano e afro-brasileiro*. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2025. 268 p. ISBN 978-85-60984-83-1. DOI: 10.11606/9788560984831

O *Kit educativo africano e afro-brasileiro* é uma iniciativa colaborativa entre o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP) e o Museu Afro Brasil Emanuel Araújo, com financiamento do CNPq/MCTI/Fndct. Organizado por Maurício André da Silva, o material visa a promover uma educação antirracista, alinhada às leis 10.639/03 e 11.645/08, que tornaram obrigatório o ensino de história e cultura africanas, afro-brasileiras e indígenas no Brasil.

A obra combina recursos pedagógicos tangíveis (réplicas de objetos culturais, mapas, textos) com reflexões teóricas, buscando democratizar o acesso a acervos museológicos e combater estereótipos coloniais. É dividida em três partes principais. Na primeira parte, tem o “Preparando o terreiro de trabalho”, onde apresenta a fundamentação teórica, destacando o protagonismo negro na construção do material e a importância dos terreiros como espaços de resistência cultural. Além disso, traz as bases teóricas e políticas do Kit educativo africano e afro-brasileiro, enfatizando a urgência de uma educação antirracista no contexto brasileiro.

¹ Mestre em história pela Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS e graduado em história pela Universidade do Estado de Santa Catarina - Udesc.

² Doutora em ciências da saúde pela Unifesp, membro participativo do Neab/Unifesp, atualmente pós-graduando do curso de extensão em mariologia pelo Centro Universitário Claretiano. Arquiteta paisagista pelo Instituto Senac – SP e teóloga pela PUC – SP.

O protagonismo negro é destacado na elaboração do material, citando a participação de pesquisadores, artistas e lideranças religiosas, como Tata Kwa Nkisi Katuvanjese, cujas reflexões sobre a integração entre fé e razão nos terreiros desafiam visões colonialistas do conhecimento.

É explorado o papel dos museus como espaços de "giro colaborativo", onde a autoridade epistêmica é compartilhada com comunidades tradicionais. A crítica ao "pacto da branquitude" (Bento, 2022) permeia a discussão, denunciando como estruturas racistas historicamente apagaram contribuições africanas. A ênfase na materialidade – como o manuseio de réplicas de objetos sagrados – é apresentada como estratégia para democratizar o acesso ao patrimônio cultural, tradicionalmente restrito a acadêmicos brancos.

Por fim, a seção destaca parcerias cruciais, como a colaboração com o Museu Afro Brasil Emanuel Araújo e o Núcleo de Educação para as Relações Étnico-Raciais (Neer-SME). Essas alianças não apenas enriquecem o kit com diversidade de acervos, mas também garantem que o material tenha relação com demandas reais de educadores, reforçando seu potencial transformador em salas de aula periféricas.

Na segunda parte do livro, "Ensino e aprendizagem pela materialidade africana e afro-brasileira", destaca diferentes elementos como Exu, abebés e balangandãs, vinculando-os a práticas pedagógicas. Nessa seção, o livro mergulha na prática pedagógica, apresentando os dez objetos do kit como "disparadores de saberes".

Cada item – como os abebés (leques ritualísticos), as estatuetas de Exu e os cachimbos quilombolas – é analisado em sua dimensão histórica, simbólica e estética. A obra explica, por exemplo, como o abebé de Iemanjá, além de símbolo de vaidade, é um artefato de guerra que reflete o poder feminino nas cosmologias iorubás. Já Exu, frequentemente associado ao "mal" no imaginário colonial, é ressignificado como entidade comunicadora e guardião dos caminhos, cuja presença nos materiais desafia estereótipos religiosos.

Os textos incentivam educadores a explorar a agência dos objetos, propondo perguntas como "Que histórias de vida esse objeto poderia ter?" (p. 95) e atividades interdisciplinares que conectem arte, história e filosofia. A seção "Centralidade da materialidade no trabalho pedagógico" (p. 84-90) defende que o contato tátil com as peças estimula empatia e crítica, rompendo com a abstração de livros didáticos eurocêntricos.

No entanto, alerta-se para a necessidade de contextualização ética, evitando apropriações culturais ou reducionismos. A integração entre teoria e prática é exemplificada por relatos de oficinas realizadas em escolas, nas quais o manuseio dos objetos gerou debates sobre ancestralidade, racismo religioso e resistência quilombola. Fotografias e ilustrações –

como a representação de Exu na encruzilhada (p. 99) – complementam as análises, tornando o conteúdo acessível a públicos diversos.

Na terceira parte, há os “Compartilhantes do projeto”. Lista colaboradores, artistas e instituições parceiras, reforçando o caráter coletivo da iniciativa. A última seção do livro celebra o caráter coletivo da iniciativa, listando autores, artistas e instituições parceiras. Destacam-se nomes como a historiadora Patrícia Marinho de Carvalho, o artista Wuelyton Ferreira (criador das estatuetas de Exu) e o Laboratório de Estudos Decoloniais (Labya-Yala/FAU-USP), responsável pelo *design* da maleta educativa.

A pluralidade de vozes reforça a premissa de que a educação antirracista deve ser construída *com* e *para* comunidades negras, indígenas e periféricas. São detalhados os processos logísticos, desde a captação de recursos por via do CNPq até a produção das peças por mestres artesãos, como Zé das Baianas (cachimbos) e Rodrigo Siqueira (abebés). Esses relatos humanizam o projeto, mostrando como tradições ancestrais – a fundição em metal e o entalhe em madeira – são preservadas e atualizadas em diálogo com a academia.

A obra enfatiza a importância de políticas públicas contínuas para sustentar iniciativas como o kit. A menção à Lei de Cotas (12.711/2012) e sua relação com o aumento de pesquisadores negros na USP ilustra como mudanças estruturais são essenciais para descolonizar instituições.

O livro conclui com um chamado à ação: “Bom trabalho!!!!!!” (p. 42), convidando educadores a multiplicar as reflexões iniciadas pelo material, transformando salas de aula em espaços de cura e justiça epistêmica.

A metodologia adotada é interdisciplinar, integrando antropologia, história, arte e educação. O kit inclui dez objetos educativos (como estatuetas de Exu, abebés e cachimbos), acompanhados de textos que contextualizam sua origem, simbologias e usos em rituais e resistências culturais. A obra também incorpora perspectivas decoloniais, valorizando saberes tradicionais e a agência de comunidades negras e indígenas.

A obra se destaca pela construção coletiva, envolvendo pesquisadores negros, artistas, educadores e lideranças religiosas, como Tata Kwa Nkisi Katuvanesi. Essa pluralidade evita o epistemicídio, garantindo autenticidade às narrativas. Reforça a importância da integração e a relação entre teoria e prática. O uso de materialidades (objetos, mapas, ilustrações) facilita a abordagem sensorial e crítica em sala de aula. A seção “Caminhos possíveis para aproximação com os objetos” (p. 91-98) oferece perguntas norteadoras que estimulam a reflexão interdisciplinar.

Ao disponibilizar o kit para empréstimo gratuito após formação, o projeto rompe

com a elitização do patrimônio cultural, permitindo que escolas periféricas acessem acervos tradicionalmente restritos a acadêmicos. A bibliografia é sólida, referencia autores fundamentais como Kabengele Munanga, Lélia Gonzalez, Bell Hooks e Achille Mbembe, articulando conceitos como branquitude, interseccionalidade e decolonialidade.

Embora o texto seja didático, termos como "cosmograma Bakongo" (p. 12) e "axé" (p. 101) carecem de glossário, o que pode dificultar o uso por educadores não familiarizados com a temática. A ênfase em culturas yorùbá e banto, embora relevante, deixa de lado contribuições de outros grupos africanos (como os povos mandinga ou hausa), limitando a representação da diversidade continental.

A dependência de financiamento, através de editais (CNPq/MCTI), levanta questões sobre a continuidade do projeto, já que políticas públicas para educação antirracista ainda são incipientes no Brasil. O kit inova, ao traduzir debates acadêmicos complexos (como o racismo estrutural) em ferramentas pedagógicas acessíveis.

A seção "Exu abre os caminhos" (p. 99-109) exemplifica essa abordagem, relacionando a figura do orixá à crítica ao epistemicídio e à valorização de epistemologias afrodiaspóricas. Além disso, a inclusão de artistas como Wuelyton Ferreira e Rodrigo Siqueira reforça a economia criativa negra, conectando educação e geração de renda.

O "Kit educativo africano e afro-brasileiro" é uma contribuição vital para a implementação das leis antirracistas na educação brasileira. Sua força reside na combinação de rigor acadêmico e aplicabilidade prática, tornando-o útil tanto para professores do ensino básico, quanto para pesquisadores em estudos decoloniais.

O público-alvo são os educadores da rede pública e privada, especialmente, aqueles que atuam em contextos periféricos. Porém, os estudantes de licenciaturas em história, antropologia e pedagogia e pesquisadores interessados em museologia, cultura material e diáspora africana certamente terão ótimo proveito do livro.

Como sugestões para edições futuras, é possível incluir um glossário de termos técnicos e religiosos, ampliar a representação de culturas africanas além das tradições yorùbá e banto, e, por fim, desenvolver versões digitais interativas, aproveitando plataformas como o Google Arts & Culture.

Em síntese, essa obra não apenas cumpre seu propósito educativo, mas também se afirma como um manifesto político pela valorização das matrizes africanas na construção de uma sociedade mais justa e plural.

Referências

SILVA, Maurício André da (Org.). *Kit educativo africano e afro-brasileiro*. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2025. 268 p. ISBN 978-85-60984-83-1. DOI: 10.11606/9788560984831

Revisão textual: Dayse Ventura Arosa

Submetido em: 26/03/2025

Aprovado em: 29/04/2025